



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS JUVENIS: SOCIABILIDADE UNIVERSITÁRIA NAS CIDADES HISTÓRICAS DE OURO PRETO (BRASIL) E COIMBRA (PORTUGAL)

Eder Malta

(UFS)

ecmsouza@gmail.com

De maneira que circunscreve as práticas urbanas enquanto modos de fazer, de enunciação e significação da cultura, Michel De Certeau postula que “não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza”(1995, p.141). Esta afirmação concebe que as ações exercidas pelos sujeitos decorrem da fragmentação dos sentidos atribuídos aos espaços urbanos e como eles o praticam ao elaborarem os lugares de sociabilidade pública. As práticas consistem em formação de socioespacialidades e inscrevem de modo multipolarizado os usos das cidades. São “maneiras de fazer” advindas, portanto, da criatividade e de invenções cotidianas, as quais podem significar movimentos que se manifestam contraditoriamente à paisagem social, a exemplo dos lugares de elaboração da sociabilidade juvenil.

De Certeau, entende que uma prática cultural “consiste não em receber, mas em exercer a ação pela qual cada um marca aquilo que outros lhe dão para viver e pensar” (1995, p.143). A partir dessas noções, este *paper* propõe expor estudos feitos sobre a cultura universitária da cidade de Ouro Preto e a influência da cidade de Coimbra em sua formação (MALTA, 2010), como sugestão de análise comparativa acerca das incidências identitárias, entre semelhanças e dessemelhanças, desse aspecto da cultura juvenil. Como recorte, propõe-se uma discussão sobre o deslocamento das tradições estudantis coimbrãs para Ouro Preto, os estilos de vida e a formação de espaços públicos que constituem-se em *lugares* (LEITE, 2007), o que compreende: 1) as repúblicas estudantis, entendidas como lugares de moradia, estudos, ritos, festas e sociabilidade; 2) os espaços que conformam a imagem urbana destes dois importantes sítios históricos, no Brasil e em Portugal e sua “conexão” com a vida juvenil universitária.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Ademais, as duas cidades possuem semelhanças e dessemelhanças que interessam para a perspectiva comparativa sobre culturas urbanas. Muitas características podem ser identificadas e demarcam a relação entre a cultura universitária destas duas cidades históricas. É tanto que a elaboração das tradições e organização das repúblicas ouro-pretanas mantém forte relação sociossimbólica com as repúblicas coimbrãs. São cidades universitárias designadas por “Cidade dos Estudantes” (Coimbra) e “Cidade das Repúblicas” (Ouro Preto). Em razão do espaço-tempo da existência das Universidades (Universidade de Coimbra e Escola de Minas) e da *inscrição cultural* das repúblicas estudantis na vida universitária, há o registro de tradições, modos de vida e práticas sociais dos estudantes coimbrãos que demarcam a construção identitária do cotidiano destas cidades.

Do exposto acima, levantamos as seguintes indagações: Como se enunciam as práticas contemporâneas das repúblicas estudantis de Ouro Preto, tendo em vista uma longa tradição iniciada em Coimbra? Como e por que tornam-se as repúblicas lugar de sociabilidade pública entre diferentes identidades? Com isto, através dos processos advindos da inscrição sociossimbólica dos lugares, é evidente entender como os jovens fazem com que se ressaltem as intensas mudanças culturais. Estes não só têm alterado tais cidades: mas alteram a própria conformação social, o próprio entendimento daquela paisagem social, daquele cotidiano elaborado através de novas e cada vez mais complexas formas de sociabilidade juvenil.

Conforme estes argumentos, a escolha das cidades de Ouro Preto (Brasil) e Coimbra (Portugal) deve-se por motivos que se enquadram nas pesquisas urbanas contemporâneas¹ e justifica-se pela possibilidade de ampliarmos temas que não concentrem pesquisas somente em metrópoles ou cidades globais que assentam referências aos grandes núcleos urbanos e centralidades econômicas (FORTUNA, 2008). Ouro Preto e Coimbra não são, portanto, metrópoles, mas avançam de modo simbólico sobre suas dimensões físicas e demográficas ao entrar, por exemplo, no fluxo turístico de bens, pessoas e capitais, pois são cidades com fortes inserções culturais.

¹Programas de pesquisa do Laboratório de Estudos Urbanos e Culturais (LABEURC), como da Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos que tem problematizado diversos temas acerca da cultura urbana contemporânea e dos processos de patrimonialização e enobrecimento urbano em cidades históricas nos dois países.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A “Cidade dos Estudantes” e a “Cidade das Repúblicas”

Dentre as diferentes culturas urbanas poucos estudos têm focado no modo como a cultura universitária constitui espaços públicos. Diversas são as formas como “*esta configuração complexa de práticas rituais, formais e festivas, acompanhada de uma constelação de imagens, de objectos e de mitos, confere ostensivamente à Universidade os sinais de uma singularidade reivindicada e de uma exemplaridade muito pouco estudada*” (FRIAS, 2003, p. 81). A vida universitária registra recursos de ampla publicização das identidades urbanas. São manifestações de diversas ordens que articulam universidades e cidades: os movimentos estudantis politizados; as práticas sociais e culturais com o teatro, a arte, a música, o esporte, as intervenções urbanas; os estilos de vida, hábitos e espaços de consumo. São diversos os modos de vida estudantis e as maneiras como constituem lugares de sociabilidade pública.

Quanto à denominação “república”, conforme J. A. Sardi (2000), a literatura brasileira tem atribuído três explicações para a adoção desta expressão em Ouro Preto. A primeira se refere ao fato de estas se considerarem soberanas e autônomas em relação à Universidade, ao adotarem autogestão administrativa. A segunda diz respeito ao fim da Monarquia no Brasil e à implantação do Regime Republicano, em 1889. Os estudantes teriam se manifestado contra a visita de representantes do gabinete parlamentar do Império, expondo cartazes com a palavra “República” nas fachadas das moradias estudantis. Por fim, a terceira hipótese, é que na Idade Média, nas principais cidades da Europa, as moradias estudantis já eram denominadas “repúblicas”, a exemplo de Coimbra (MACHADO, 2007). No entanto, conforme Aníbal Frias (2003), o nome *república*, em Portugal, aparece em textos somente no início do século XIX, sob a influência do liberalismo republicano, embora em Coimbra existissem as casas alugadas para estudantes desde o século XVI.

De qualquer modo, a origem do termo em Ouro Preto, está relacionada diretamente à influência de Coimbra, sendo primeiro conhecido no Brasil como “Casa do Estudante”. Decerto, a cultura urbana universitária ouro-pretana mantém forte relação sociossimbólica com as repúblicas coimbrãs. Ao passo que em Coimbra as repúblicas foram fundadas durante a Monarquia em Portugal (FRIAS, 2003), em Ouro Preto surgem as primeiras repúblicas no início do século XX, quando o regime monárquico



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

perdia força política no Brasil. Desde o século XVIII estudantes brasileiros já faziam intercâmbio na Europa quando Minas Gerais liderou a lista de alunos admitidos na Universidade de Coimbra que, junto com as universidades de Paris foram os principais destinos dos estudantes oriundos de famílias abastadas ou até mesmo filhos de famílias com menos condições (SAYEGH, 2009).

A Universidade de Coimbra (UC), criada no ano de 1290, em Lisboa, pelo Rei D. Dinis, ao longo de 700 anos, conforma parte da imagem de Coimbra e como instituição tem papel relevante para o entendimento dos registros do Estado e da cultura portuguesa, pois faz parte do cenário que constitui a paisagem arquitetônica e sociocultural da cidade que remonta sua importância no contexto nacional de Portugal. Segundo C. Gomes (2008) a imagem de Coimbra como cidade histórica e universitária aponta para a um conjunto de memórias e narrativas que contribuem para o imaginário sobre a cidade universitária,

aponta igualmente para uma vasta riqueza monumental, que lhe permite reunir um conjunto de interessantes testemunhos do passado. Para esta riqueza muito contribui outra imagem, a de cidade universitária, que resulta de uma universidade antiga e famosa que coloca Coimbra no centro das rotas do conhecimento e da cultura (2008, p. 70).

Para a autora, a inscrição sociossimbólica da Universidade na imagem urbana de Coimbra merece uma rubrica exclusiva. Em razão do espaço-tempo da existência da instituição é que se atribui a Coimbra a identificação de “*cidade dos estudantes*”. Como exemplo, C. Gomes lança mão de um estudo sobre o modo como a cidade é turisticamente imaginada e narrada para seus visitantes através de *Guias turísticos* e formas de intermediação cultural entre os lugares da cidade. Desse modo, para cada caso, Coimbra é imaginada e (re)criada sob diversos modos de produção turística que articula as identidades atribuídas aos lugares e ao acervo histórico-patrimonial. A questão é que as identidades coimbrãs podem ser descritas a partir das representações sobre a cidade que ora é “*histórica, ora tradicional, ora universitária, ora dos estudantes, ora arquitectónica ora do fado e ora do Mondego*” (GOMES, 2008, p.69).

A *enunção* da cultura universitária em Ouro Preto deve-se à criação de sua primeira instituição de nível superior, a Escola de Minas, durante o período de transição do Segundo Reinado brasileiro para o Regime Republicano. A Escola de Minas (EM)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

foi fundada em 12 de Outubro de 1876. A iniciativa da criação partiu de Dom Pedro II e elegeu Ouro Preto, juntamente com seu diretor Claude Henri Gorceix, como sede para intensificar a prática de exploração dos recursos naturais daquela região. A criação da “Escola” ocorreu em um período de fortes conflitos políticos no país, inclusive sobre os fundamentos da educação superior brasileira durante a transição do Segundo Reinado para o regime Republicano.

A instituição foi caracterizada por uma linha de pensamento que derivou alguns aspectos simbólicos e disjuntivos nos primeiros anos de sua fundação, o que provocou fissuras entre a identidade da Escola conduzida por princípios progressistas, tecnológicos e valores ideológicos modernos e da identidade cidadina forjada a partir das tradicionais elites políticas e religiosas mineiras. Tais derivações devem-se às divergências políticas de grupos a favor ou adversárias de D. Pedro II. Isto fez com que a Escola de Minas trabalhasse inicialmente por si mesma, a construir sua própria tradição.

O marco deste projeto decorre após a transferência da capital de Minas Gerais para Belo Horizonte, em 1897, quando Ouro Preto perde o título de capital da Província de Minas e resultou na migração de parte da população local, principalmente de funcionários públicos, militares, comerciantes e famílias inteiras. Este fato resultou no esvaziamento de até 40% dos imóveis, os quais ficaram desocupados por muitos anos, mas foram reapropriados por estudantes. Criou-se então um sistema de moradia através do qual “*as repúblicas assumiram papéis importantes na conservação e na divulgação do patrimônio histórico*” (MACHADO, 2003, p. 197). Assim, a cidade passou a ser considerada a “*cidade das repúblicas*” e, desde 1919, as primeiras moradias existentes foram formadas através da socialização contínua dos estudantes.

Tais locais de moradia foram mantidos através da solidariedade e da formação de um espaço universitário local. Em 1951, surge então, o primeiro aspecto de deslocamento cultural decorrente do intercâmbio entre estas cidades: os estudantes de Coimbra visitaram Ouro Preto e foram recebidos em solenidade pela Escola de Minas. Os coimbrãos usavam capas pretas – os seus tradicionais trajes –, enquanto os estudantes de Ouro Preto, na ausência de uma vestimenta tradicional, improvisavam-se com simples lençóis brancos como forma de caracterização no evento (Atas estudantis *apud* MACHADO, 2003).



Práticas culturais e tradições estudantis

A dificuldade que se tem ao comparar as semelhanças e dessemelhanças da cultura universitária destas cidades é que são poucos os relatos e documentos, ou praticamente inexistem trabalhos acadêmicos que de modo geral sistematizem historicamente as articulações entre estas urbes. No entanto, já supõem que as repúblicas estudantis ouro-pretanas surgiram, “*a partir da ocupação de casas centenárias por estudantes das Escolas de Minas e de Farmácia, que dividiam as despesas e tinham sistema de funcionamento semelhante ao de Coimbra*” (SAYEGH, 2009). Os trabalhos sobre Ouro Preto esforçam-se por elucidar as características de intercâmbio entre estas cidades. Embora possam esclarecer muitos detalhes ainda há a falta de documentos (textuais e iconográficos) que possam caracterizar melhor como decorre esta articulação².

Por isso presumimos que em decorrência das práticas tradicionais, que conformam aspectos simbólicos e identitários da “cultura republicana” de Ouro Preto, os principais indícios de que o sistema de repúblicas ouro-pretanas foi influenciado pelo modelo coimbrão são: divisão de hierarquias das repúblicas e as práticas rituais de admissão dos calouros nas casas, que conferem fortes semelhanças, pois a constituição e as identidades das repúblicas de Ouro Preto giram em torno de suas tradições e formas de gerenciamento, o que levantou hipóteses de alguns autores sobre a organização e seu marco político. Neste caso, a influência da *Praxe Acadêmica* coimbrã é fortemente visível. Segundo Frias, ao designar as tradições e rituais estudantis,

a Praxe Acadêmica constitui o registo cultural dos estudantes. Muitos dos seus elementos materiais e simbólicos derivam das práticas institucionais. Embora autónoma, a sociedade estudantil retira da Universidade uma parte de sua lógica social. Esta lógica é a de uma ordem hierárquica e distintiva (2003, p. 83).

Exemplos são o hábito de julgar no “dia da escolha”, os trotes, as festas, as gírias e os rituais coimbrãos imprimiram às repúblicas de Ouro Preto os modos de habitar a casa. De acordo com este autor, estas práticas advêm do processo sócio-histórico do uso

²C.f. os trabalhos de CARVALHO (1978); DEQUECH (1984); CRIVELLARI (1998); TEODORO (2003); SAYEGH (2009) e MALTA (2010).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

da palavra “*Praxe*” por volta de 1860, sendo que no universo acadêmico esta expressão sintetiza e emerge devido à concorrência da Universidade de Coimbra com outras então criadas em Lisboa e Porto. Entretanto, a *Praxe Acadêmica* se traduz como um deslocamento de sentido da prática institucional e administrativa das universidades portuguesas (que inclui quadro burocrático, corpo docente e conforma a autogestão dos cursos e as hierarquias de cada departamento) e se configurou em sociabilidades lúdicas dos estudantes (FRIAS, 2003).

Em certo sentido, as tradições das repúblicas imprimiram discursos e hábitos que enunciam novas significações e modos de apropriação diversos. Porém, comparando as repúblicas de Ouro Preto à observação de Aníbal Frias sobre Coimbra, podemos inferir que:

Por seu lado, a *Praxe* acadêmica viu o seu conteúdo e os seus contornos, o seu uso social e a sua significação, modificar-se ao longo dos tempos. Isto em conformidade com a própria dinâmica de toda uma herança material e imaterial. Mais ainda, foi a sua natureza que se transformou. De usos vividos e de costumes vulgares, ela passou ao tradicionalismo. Por este termo é necessário entender uma codificação dos comportamentos e uma vontade prescritiva, frequentemente exógena, de preservar, ou mesmo de “fabricar” aquilo que é designado como memória colectiva. Aqui trata-se das práticas académicas como dos usos camponeses, ou mesmo da arquitectura: encontram-se patrimonializados (2002, p. 01).

As repúblicas ouro-pretanas adaptaram-se ao chamado “espírito da tradição”³ através da manutenção de um sistema comunitário considerado soberano, e com o emprego de uma organização política calcada na democratização e solidariedade das decisões perante o rumo das casas. Este ambiente favorecia então à formação da tradição entre os repúblicos e, por fim, a constituição de lugares e sociabilidades estudantis. Em Ouro Preto, as repúblicas tornaram-se o maior patrimônio da Universidade e fazem parte do patrimônio cultural juvenil da cidade. Em Coimbra, segundo E. Estanque,

³ Considera-se o “espírito da tradição” uma tradução do que alguns autores chamam de “espírito de Gorceix”, referindo-se ao antigo diretor que implementou um sistema de administração das primeiras casas estudantis ao método da Escola de Minas: tempo integral entre alunos e professores que, supõem alguns autores, decorreu no *inbreeding* – enquanto relações afetivas entre os alunos e professores, diferenciando-se das relações entre os estudantes das faculdades localizadas nas grandes cidades, o que levou a “aumentar a estabilidade do corpo docente em Ouro Preto, uma cidade pequena e distante dos grandes centros da época” (CRIVELLARI, 1998, p.124).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Desde o século XIII que, com a emergência das mais antigas universidades europeias, surgiram as primeiras casas comunitárias de estudantes, algumas delas baptizadas de “Nações”, onde viviam conjuntamente estudantes e “mestres” oriundos de uma mesma região, nacionalidade ou até diocese. As Repúblicas de Coimbra surgem já no século XIX, sem dúvida associadas aos movimentos político-ideológicos de matriz republicana. Animadas pelo espírito de fraternidade, protecção mútua, convívio e boémia, as Repúblicas tiveram um papel decisivo na modelação da cultura universitária e na própria gestão da Universidade. Muitas gerações da elite intelectual portuguesa foram, directa ou indirectamente, tocadas pelo seu modo de vida (2005, não paginado).

De qualquer modo, as repúblicas estudantis consistem e constituem espaços culturais e identitários da “cidade universitária”. Para este autor, com protagonismos variados, as repúblicas coimbrãs enunciaram um ambiente de irreverência cultural e cívica demarcando a vida estudantil desde a Idade Média. Ressalte-se que, desde este período histórico europeu ao século XIX, as Universidades passaram a imprimir novas características às cidades através das próprias experiências do alunos fora da instituição e em torno dela. Em certo sentido, a vida estudantil enuncia-se como uma cultura dissonante, pois o estilo de vida dos estudantes perpassa práticas criativas e subversivas, a exemplo do estilo de vida boêmio, da cultura do riso carnavalesco, das práticas sexuais e da irreverência descomprometida com os ares das cidades (ESTANQUE, 2008).

Já no século XX, após o ano de 1969 ocorreu uma virada decisiva no papel das tradições das repúblicas de Coimbra. Ao passo que assumiram ao longo de sua trajetória como núcleo central dos movimentos estudantis, dos rituais e das práticas académicas, atualmente os repúblicos vivem posturas distintas – mesmo que sejam mantidas práticas tradicionais. Em breve explicação, podemos inferir que após o regime salazarista (que está ligado directamente à Universidade de Coimbra) as repúblicas, no início dos anos ’80, aderiram ao movimento anti-praxista, o que ressignificou uma *identidade experimentada* (COSTA, 2002) por muitos anos ao assumirem um estilo de vida diferenciado da maioria dos estudantes coimbrãos, que aderiram crescentemente às práticas.

Em Ouro Preto, em período semelhante, ocorre a fundação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em 21 de agosto de 1969, quando foram incorporadas as Escolas de Minas e de Farmácia. Neste entretempo, aumentou o número de alunos e diversificaram-se as repúblicas estudantis, onde inicialmente foram instaladas nas antigas casas do Centro Histórico e são actualmente propriedades da UFOP. As



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

repúblicas estão espalhadas em diversos bairros e compreendem ao todo mais de 400 casas. A vida universitária nesta cidade está presente tanto através da inscrição das repúblicas estudantis na paisagem urbana em conformidade com os usos do patrimônio, quanto pelo modo como os estudantes apropriam-se dos espaços históricos através de práticas cotidianas. Além disso, as repúblicas são vistas como uma interferência positiva na paisagem urbana da cidade, já que possibilitam a conservação das casas ocupadas (SAYEGH, 2009).

É neste contexto que C. Feixa (2006) demonstra que as culturas juvenis enfatizaram desde os anos de 1960, no momento anterior ao Maio de 1968, uma crescente necessidade por conquista de um espaço próprio que não estivesse compartilhado com os pais, transformando, historicamente, o fato de que os jovens se caracterizavam por não possuírem espaços privados. É neste ponto da discussão que nos parece necessário revelar que “*a reivindicação por um quarto próprio passou a ser o símbolo de um sujeito social emergente: a juventude*” (FEIXA, 2006, p. 97), a partir da qual os jovens passaram a reivindicar espaços para desenvolverem sociabilidades autônomas, longe da vigilância e controle dos pais, embora ainda circunscritas à casa, isto é, reivindicava-se um quarto próprio, individual, onde se pudesse formar associações juvenis ou um lugar para o convívio com os amigos, para exercício da intimidade, da troca de signos culturais (*posters* de ídolos, escutar músicas e fazer festas nos fins de semana – quando da ausência dos pais, é evidente).

Lugares e o jogo da sociabilidade

No início, tal foi a influência que muitas práticas contemporâneas ainda estão associadas às repúblicas de Coimbra: trotes, formas de identificação do calouro, divisão de hierarquias entre os repúblicos, alguns ritos cotidianos e festivos são decorrentes deste deslocamento cultural a exemplo da Queima das Fitas e dos eventos que participam como a Feira Medieval e dos trotes que ocorrem no início de cada período. Por sua vez, o que enunciou-se fortemente em Ouro Preto foi a *tradução* de alguns dos rituais, objetos, gírias, elementos sonoros, associações, etc. para uma cultura própria: a tradicional Festa do 12 de Outubro (aniversário da Escola de Minas), Carnaval, quadros de homenagem aos ex-moradores, linguagens, hinos, as “cumadres”, e outros signos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Vive-se em uma república compartilhando modos de habitar um determinado espaço físico, por vezes restrito de equipamentos e espaços próprios, assim como modos de vida mais ou menos convergentes. Será que as limitações físicas são empecilhos para a boa convivência e o desenvolvimento da sociabilidade cotidiana? Como os jovens estudantes de diferentes lugares, culturas e valores sociabilizam-se em um dado espaço? O que permeia a adaptação de uma pessoa na república são como seu estilo de vida, valores, fazeres, interesses e linguagens torna-se presente entre os demais membros da casa. Além disso, cada república possui regras específicas que atingem principalmente o calouro, o qual tem que se adaptar para que continue vivendo na casa. Nesse processo de mudança há diversos aspectos favoráveis e desfavoráveis de se viver em uma república. Ademais, para quem foca o estudo como principal perspectiva dessa mudança pode se deparar com uma convivência dinâmica entre rotina, estudos e festas.

A chamada “vida republicana” compreende por um lado, regras, princípios e tradições que orientam os moradores sobre que pode ou não ser feito numa república: são responsabilidades para com a casa (saber trocar uma lâmpada, consertar uma torneira etc.) e com os outros (o bem-estar de cada um). Além da divisão de tarefas há a divisão das hierarquias da casa que começa pelo membro mais velho (Decano, em Ouro Preto; Veterano, em Coimbra) até os recém-chegados (“bicho”, em Ouro Preto e Coimbra), preza-se o respeito mútuo e confiança entre os membros. Este sistema é válido para qualquer república masculina, mista ou feminina. Neste caso as ações e comportamentos individuais são de alguma forma observados, críveis de um controle interno. Por outro, os moradores dispõem de liberdade individual, do respeito com o modo de vida e a cultura de cada morador, mas sobretudo, da sociabilidade cotidiana.

A vida em república rompe com a ascensão do individualismo. No entanto, isto não significa a queda da individualidade do morador. Cada repúblico tem estilo de vida, cultura, linguagem, educação familiar e posições políticas diferentes, e por isso a república torna-se um espaço híbrido, no qual as interações cotidianas implicam formas distintas de contato entre todos. Os conteúdos culturais e as diferenças são reconhecidos e compartilhados reflexivamente pelos moradores, o que compreende o aspecto lúdico da sociabilidade, desde quando não quebrem as normas pertinentes à república. Devido a estes aspectos as repúblicas tem a característica que a assemelham aos *lugares*, visto



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

que para além de ser uma casa de estudantes restrita para tal uso, ela é uma demarcação espacial permeada de ações simbólicas e sociabilidades gregárias.

Como exemplo, em Ouro Preto, a linguagem adotada à sociabilidade cotidiana chama-se “*fazer social*”, momento de interação com novas pessoas e criação de vínculos entre os moradores. O fluxo de pessoas nas repúblicas não indica necessariamente uma festa. É adequado à poucas pessoas o que permite maior intimidade entre os participantes, embora isto não signifique que seja um encontro de poucas horas, visto que dura uma tarde ou uma noite inteira até o amanhecer. A “Social” é uma forma de enunciação da cultura universitária que cria sociabilidades lúdicas entre os jovens repúblicos ouro-pretana. Conforma o uso do tempo e do lugar para o livre convívio durante o período de formação universitária, o que pode se estender a uma média de quatro anos de convívio. Conforme as observações levantadas em pesquisas (MALTA, 2010), *fazer social* é uma forma de interagir as repúblicas masculinas e femininas ou repúblicas até então desconhecidas. Nestes casos, a continuidade destes encontros parte dos processos de identificação dos estilos de vida.

Neste sentido, torna-se importante compreender o fluxo entre os estudantes a partir dos dados fornecidos por eles próprios, para que se possa evidenciar os espaços de subjetivação (ALMEIDA e TRACY, 2003) e articular as categorias sociológicas aos enunciados sociais. Ao chamar de “Social”, os estudantes reforçam os signos de grupo e os laços de amizade para enfatizar as identificações entre os estilos de vida. É a república uma forma de estreitamento de laços e criação de vínculos afetivos e duradouros entre os estudantes com estilos de vida semelhantes – embora se reconheça as diferenças – e de inserção dos “calouros” nos lugares. Este modo de fazer estreita a sociabilidade entre os jovens que precisam ter seus espaços assegurados através de redes de comunicação cotidiana.

As “repúblicas amigas”, como são chamadas em Ouro Preto, criam formas de sociabilidade como assistir a um filme ou ouvir músicas, fazer programas que acompanham “pingas” e culinárias, passar o tempo a conversar, fazer rodas de violão e churrascos, por fim, torna-se um exercício para aproveitar o momento de troca de experiências. A identificação entre repúblicas reforça as “especialidades”, o que leva muitas vezes ao fechamento de uma para outras, demarcando estilos de vida, que não são propriamente fixos, mas que asseguram as diferenças culturais.



Portanto, no jogo da sociabilidade e das práticas socioculturais são produzidas algumas “fraturas” dos códigos sociais, da memória, do concebido. Existe um jogo, “*um divertimento, uma transgressão, uma travessia ‘metafórica’, uma passagem de uma ordem a outra, um esquecimento efêmero no interior das grandes ortodoxias da memória. Todos esses movimentos estão relacionados a organizações e a continuidades*” (CERTEAU, 1995, p. 244). As repúblicas tornam-se, então, *lugares-espacos* de demarcação física e simbólica (LEITE, 2007) – que perpassam a apropriação das casas para usos que não sejam somente os modos de habitar.

É neste sentido que para Simmel (2006) existe a *diferenciação* dos modos de vida, a qual tem início na autonomização dos conteúdos (códigos culturais, signos, linguagem etc.) e ocorre com base na “interpretação de realidades” dos indivíduos (ou dos grupos sociais). Por meio desse pressuposto é que o autor fundamenta a noção de *sociabilidade*, segundo o qual é uma *forma autônoma ou lúdica de sociação*. A sociabilidade é a forma pela qual ocorre conjuntamente a interação dos indivíduos ou grupos sociais em razão de seus interesses diversos, podendo ser efêmeros ou não, mas que, no entanto, é da ação recíproca dos atores sociais que esta interação se constitui em “unidade”⁴. No limiar da sociabilidade as relações se formam de acordo com as motivações e relações cambiantes que se desprendem do cotidiano.

Deste modo, os usos que as culturas juvenis fazem dos espaços e do tempo constituem um domínio de afirmação das identidades, linguagens e estilos de vida, tanto em nível simbólico e discursivo quanto em nível prático. A sociabilidade juvenil se traduz em diferentes e plurais formas de usos e apropriações dos lugares, o que possibilita o “desenvolvimento de tensões e conflitos, latentes ou abertos, entre éticas estruturais tradicionais e novos horizontes sociais de realização individual” (PAIS, 2003, p. 14), e envolve a afirmação de estilos de vida eivados de diferenças intra e intergeracionais. Essa observação básica revela como e porque os jovens vivem e como o fazem identificando-se ou diferenciando-se no curso de suas interações cotidianas, nos fazeres e atividades, no lazer e entretenimento: as práticas cotidianas estão situadas em fragmentadas formas de sociabilidades públicas que se revelam em forte dinamicidade espacial e cultural.

⁴ “Unidade” corresponde para este autor o mesmo que “sociedade” ou “grupos sociais”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Há ainda o aspecto festivo destas cidades decorrente da inserção da cultura universitária no cotidiano. Em Coimbra existe a tradicional Queima das Fitas, uma festividade estudantil das universidades portuguesas que teve seu início em comemorações na Universidade de Coimbra. Desde o ano de 1899 a festa de Queima das Fitas se realiza como um importante evento cultural estudantil. A ideia geral nasce de um aspecto singular: o queimar das fitas que os alunos usavam nas pastas e eram indicadoras de sua condição de conculente. O queimar das fitas transformou-se então em um ato simbólico enunciando o término do curso e abarca uma série de atividades culturais e desportivas, assim como eventos tradicionais como serenatas, cortejos, benção das pastas, baile de gala etc. No entanto, com o passar dos anos a festividade passou a ser um evento da própria cidade, cuja iniciativa pertencia aos estudantes. Atualmente ocorrem cerimônias, bailes e shows de grande porte⁵.

A “Festa do 12 Outubro” em Ouro Preto, registra um aspecto semelhante. O que outrora representava uma festa formal, de baile de formatura, passou a ser uma festa de rua de importância para o grande fluxo de turistas. Embora ainda mantenha o aspecto intrínseco da festa, como as comemorações internas de cada república, as homenagens aos ex-alunos e as solenidades feitas pela UFOP, o “12” tornou-se ao lado do Carnaval ouro-pretano exemplo da articulação dos estudantes com a cultura de consumo contemporânea permeada de shows, espaços de lazer, eventos lúdicos. Outro evento relevante que destaca a relação entre a universidade e a cidade é o “Festival de Inverno de Ouro Preto e Mariana”, que se tornou importante para evidenciar o debate sobre as questões patrimoniais e culturais centros históricos. Através de suas curadorias ocorre também um resgate da cultura popular e acadêmica. Atividades lúdicas, como as apresentações teatrais e musicais e as oficinas de artes cênicas ocorrem nas ruas e bairros do centro histórico e formam um quadro dinâmico de intervenções cotidianas durante as semanas do evento.

Considerações finais

São muitos os exemplos que podemos apresentar sobre a identidade cultural destas cidades. No entanto, expomos somente alguns indícios desta perspectiva

⁵Cf. <http://www.queimadasfitas.org>. Acessado em Julho de 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

comparativa em plano descritivo. Conforme pretende-se tomar como sugestão analítica os aspectos da cultura juvenil contemporânea, faz-se necessário o registro da “tradução das tradições” que diferem e conformam os usos e as práticas forjadas em Ouro Preto e Coimbra a partir de formas e linguagens contemporâneas entre os jovens. A sociabilidade pública universitária que se observa advém da diferenciação dos modos de vida e da autonomização dos signos culturais juvenis que, publicizados no cotidiano destas cidades, estendem-se principalmente às atividades práticas dos estudantes de modo geral. Neste sentido, a cultura universitária está inscrita como uma prática enunciativa de temporalidades, significações, narrativas e espacialidades diversas que articulam de modo reflexivo a vida acadêmica e a sociabilidade lúdica dos jovens estudantes.

As universidades representam também a experiência do desenvolvimento urbano, tecnológico e econômico das cidades. Através desta instituição o fluxo de pessoas, signos, imagens e informações circunscrevem o cotidiano ao criar importantes mediações socioculturais na vida das pessoas. Em Coimbra a presença da Universidade constituiu aspectos que remontam o contexto nacional político de Portugal e aponta para a um conjunto de memórias e narrativas. Já em Ouro Preto, a Escola de Minas representou uma nova experiência identitária ao disseminar os campos artísticos, intelectuais e acadêmicos com inovações na esfera sociocultural, na produção de bens simbólicos e de um patrimônio próprio.

Destaquemos ainda a relação destes estudantes com o patrimônio edificado. Como argumentamos, os usos que os jovens fazem dos espaços e do tempo constituem um domínio de afirmação das identidades em nível simbólico e prático. A descrição da cidade contemporânea não concerne necessariamente ao ambiente edificado, mas na incursão das pessoas nos espaços urbanos através de suas práticas e modos de vida espacializantes. Deste modo, a sociabilidade juvenil se traduz em diferentes formas de consumo e apropriações dos lugares constituídos de usos próprios, o que conforma um conjunto centrado por processos identitários coletivos como a *praxe acadêmica*, e descentrados, quando enunciam forte hibridez cultural e fragmentação espacial no contexto relacional das cidades.

Referências bibliográficas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ALMEIDA, M. I. M.. TRACY, K. M. A. **Noites Nômades:** espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BHABHA, Homi. O pós-colonial e o pós-moderno: a questão da agência. In: _____. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CARVALHO, José Murilo. **A Escola de Minas de Ouro Preto:** o peso da glória. São Paulo: Ed. Nacional; Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos, 1978.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis, RJ : Vozes, 1994.

_____. **A Cultura no Plural.** São Paulo: Papyrus, 1995.

CIFELLI, G. **Turismo, patrimônio e novas territorialidades em Ouro Preto – MG.** Dissertação de Mestrado em Geografia. São Paulo: UNICAMP, 2005.

COSTA, António F. Identidades culturais urbanas em época de Globalização. **Rev. bras. Ci. Soc.,** São Paulo: v. 17, n. 48, Feb. 2002.

CRIVELLARI, Helena, M. T. **A Trama e o Drama do Engenheiro:** mudança de paradigma produtivo e relações educativas em Minas Gerais. Tese de Doutorado em Educação. Campinas, SP: Faculdade de Educação da Unicamp, 1998.

DEQUECH, David. **Isto Dantes em Ouro Preto:** Crônicas. Belo Horizonte: Minas Gráfica, 1984.

ESTANQUE, Elísio. **As Repúblicas de Coimbra, entre o passado e o presente.** Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2005.

_____. "Jovens, estudantes e 'repúblicos': culturas estudantis e crise do associativismo em Coimbra", **Revista Crítica de Ciências Sociais,** 81, 2008, p. 9-41.

FEIXA, Carles. O quarto dos adolescentes na era digital. In: COSTA, M. R. e SILVA, E. M. **Sociabilidade juvenil e cultura urbana.** São Paulo: Educ, 2006.

FORTUNA, Carlos. Imaginando a *democracia*: do passado da sociologia para o futuro das cidades. In: LEITE, Rogerio Proença (org). **Cultura e vida urbana:** ensaios sobre a cidade. São Cristóvão: EDUFS, 2008.

FRIAS, Aníbal. Praxe académica e culturas universitárias em Coimbra: Lógicas da tradição e dinâmicas identitárias, **Revista Crítica de Ciências Sociais.** Coimbra, Centro de Estudos Sociais, nº 66, 2003, p. 81-116.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

GOMES, Carina. Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 83. p. 55-78, 2008.

LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos da cidade**: Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: UNICAMP; Aracaju: EDUFS, 2007.

MACHADO, Otávio Luiz. As repúblicas estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 66, p. 197-199, 2003.

_____. O sistema de repúblicas de Ouro Preto e Mariana. *In*: MACHADO, Otávio Luiz. (org.). **As repúblicas de Ouro Preto e Mariana**: trajetórias e importância. 1. ed. Recife, 2007, p. 160-194.

MALTA, Eder. **Identidades e Práticas Culturais Juvenis**: As Repúblicas Estudantis de Ouro Preto. São Cristóvão/SE, Dissertação, UFS, 2010, 155 p.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2. ed. Lisboa : INCM, 2003.

SARDI, Jaime Antonio. Estratégias de Auto-regulação por Estudantes Universitários em Ambiente de Exacerbação do Prazer. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, n. 15, jun/dez, 2000.

SAYEGH, Liliane. **Dinâmica urbana em Ouro Preto**: Conflitos Decorrentes de sua patrimonialização e de sua consolidação como cidade universitária. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Salvador: UFBA, 2009. 240 p.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

TEODORO, Rosa J. **Fazendo festa, criando história(s) e contando estória(s)**: o Doze em Ouro Preto, MG. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Belo Horizonte: UFMG, 2003.